

INFORMAÇÃO

Médicos Sem Fronteiras - Ano 13 - Nº 26 - 2010



Depois das cheias

Equipe leva socorro às vítimas da enchente que devastou Alagoas

© Érico Hiller

Um mundo sem MSF

Diretor de operações, Stephan Goetghbuer, sonha com o dia em que a organização não será mais necessária

Experiências de vida

Exposição interativa mostra com fotos, vídeo e áudio como vivem os brasileiros que trabalham nos projetos fora do país

Editorial

Gostaria de começar me apresentando aos nossos doadores e outros membros da sociedade brasileira que acompanham e apoiam nossas atividades no Brasil e no mundo, uma vez que me sinto honrado em assumir a posição de diretor executivo do escritório de Médicos Sem Fronteiras Brasil. Eu trabalho com MSF há vários anos em contextos diversos, como no Sudão, Congo, Colômbia e, recentemente, como chefe de missão de um projeto operacional no Brasil. É com grande prazer que assumo a responsabilidade de liderar esta organização em direção à próxima e emocionante fase de seu desenvolvimento.

Falando desse desenvolvimento, o ano 2010 está sendo marcado por uma grande expansão na quantidade de brasileiros que partem para trabalhar em missões de MSF pelo mundo. Desde 2006, início do recrutamento no Brasil, já foram organizadas mais de 200 partidas de profissionais brasileiros para trabalhar em campo, e esse número aumenta a cada ano. Esse aumento demonstra o desejo dos profissionais brasileiros de ver “além das fronteiras” e responder ao sofrimento humano, seja ele resultado de catástrofes naturais, conflitos, fome ou epidemias.

Para MSF, 2010 está se consolidando como um ano marcado pelo imenso sofrimento humano, testemunhado por nossos profissionais nas intervenções em contextos de catástrofes naturais. As atividades contínuas no Haiti têm sido a maior intervenção de emergência na história de MSF, que chegou a envolver 3 mil profissionais. Os resultados incríveis dessa intervenção você pode acompanhar na página 5. Atualmente, MSF está respondendo às enchentes que assolaram o noroeste do Paquistão e afetaram cerca de 400 mil pessoas.

Este ano também foi marcado pela significativa intervenção de MSF em Alagoas, após enchentes terem devastado a região de União de Palmares no início de junho. MSF interveio com apoio à saúde mental, monitoramento médico e atividades de saneamento e acesso à água (veja a página 6 para mais informações). Essa intervenção demonstrou a alta capacidade de MSF Brasil em responder a emergências, pois foi formada e coordenada majoritariamente por profissionais brasileiros.

Eu gostaria de agradecer a todos que continuam a apoiar nossas atividades por meio de doações, voluntariado ou simplesmente espalhando notícias sobre nossas ações ao redor do mundo. É com essa participação que somos capazes de responder ao sofrimento humano onde quer que ele ocorra; sem fronteiras!

Tyler Fainstat
Diretor Executivo
Médicos Sem Fronteiras Brasil



Estratégias de Ação

Ajuda humanitária em zonas de conflito

Em contextos de guerra, a eficácia da ajuda humanitária depende diretamente da proteção da equipe



Os contextos em que Médicos Sem Fronteiras (MSF) atua não são fáceis, mas o trabalho realizado em áreas de conflitos e guerras é especialmente desafiador. Nesses casos, tanto os pacientes quanto os profissionais da organização vivem expostos a riscos físicos e mentais. A ajuda humanitária não pode ser eficaz sem uma equipe que possa desenvolver os projetos em segurança.

A relação que os profissionais desenvolvem com as comunidades locais tem papel estratégico na garantia da sua integridade. Não seria exagero afirmar que a gestão de segurança da organização tem como pilar os fortes laços desenvolvidos com as populações que atendemos. Esse comprometimento mútuo entre MSF e a população local surge naturalmente, graças à realização de atividades médicas relevantes, operações transparentes e estabelecimento de relações respeitadas.

Como MSF tem como regra não trabalhar com unidades armadas de segurança, a organização depende da relação com a comunidade para proteger seus profissionais e obter informações sobre possíveis ameaças de segurança. Em situações de conflito, os riscos a que a organização aceita

submeter seus profissionais são proporcionais aos benefícios trazidos para a população atendida. “Enfrentamos muitos riscos em nossa missão no Afeganistão, mas estamos lá porque o impacto do nosso trabalho é muito grande”, conta Tyler Fainstat, diretor executivo de MSF Brasil.

Além da confiança construída junto à população local, as equipes em campo são obrigadas a respeitar os manuais de segurança adaptados à realidade local. Estes definem, por exemplo, quais meios de transporte devem ser utilizados, os locais onde se pode ir sozinho, as rotinas de comunicação entre os profissionais, o horário de toque de recolher para a equipe e a hierarquia a ser respeitada nas tomadas de decisão. O respeito a essas normas são essenciais para a manutenção da segurança.

Abrir mão de escoltas armadas e basear a segurança na construção de uma relação com a comunidade local é uma escolha que corrobora o comprometimento de MSF com os princípios de neutralidade, imparcialidade e independência. E, em última instância, é o que nos permite levar ajuda humanitária a essas populações extremamente vulneráveis que vivem em meio a conflitos.

MSF em Números

Intervenção de MSF no Haiti: a maior da história da organização

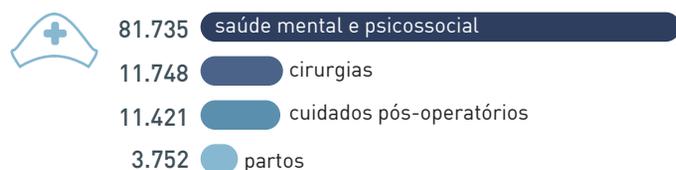
Estudo divulgado seis meses após a tragédia faz balanço das principais atividades realizadas.

O terremoto que devastou o Haiti no início deste ano exigiu de Médicos Sem Fronteiras a maior e mais rápida resposta de emergência de sua história. Cerca de 3 mil profissionais foram mobilizados para cuidar das vítimas do terremoto, e mais de 173 mil pacientes foram tratados nos primeiros quatro meses de atendimento.

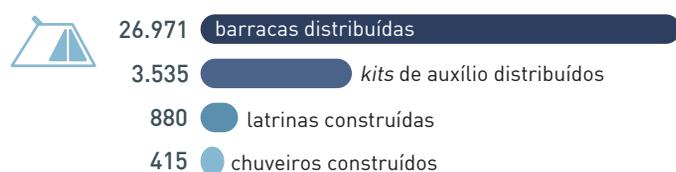
A eficiência dessa missão está diretamente ligada ao trabalho que a organização já desenvolvia no país antes da catástrofe. MSF está presente no Haiti desde 1991 e conhece bem as carências do sistema de saúde e sua incapacidade de lidar com as consequências de uma tragédia dessa magnitude.

Atendimentos

Na fase inicial, a necessidade de cirurgias era imensa. Nos meses seguintes, outros serviços de saúde se tornaram essenciais, principalmente os de saúde mental e psicossocial.

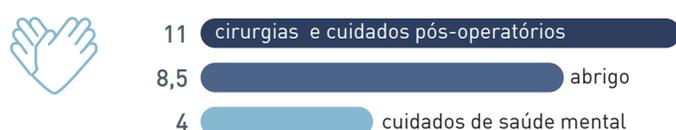


Além dos atendimentos médicos: distribuição de kits de higiene e estruturas sanitárias



Doações*

Até o dia 31 de maio, MSF arrecadou 91 milhões de euros em doações e gastou 53 milhões de euros. Principais atividades:



*dados em milhões de euros

“Minutos após o terremoto, não só estávamos atendendo as pessoas dentro do Centro de Emergência de Martissant como também éramos os principais doadores de material de primeiros socorros para outras ONGs e hospitais locais. O terremoto aconteceu às 16h50 e às 23h00 recebemos a notícia de que o Pool de Emergência já estava vindo. A resposta foi muito rápida. Nesse dia, fiquei orgulhosa de fazer parte da organização.”

Mariana Freddi, administradora brasileira que atuava com MSF no Haiti na época do terremoto

Haiti em números (dados até maio de 2010)	Total
PROFISSIONAIS HAITIANOS	2.807
PROFISSIONAIS ESTRANGEIROS	209
SALAS DE OPERAÇÃO	16
NÚMERO DE CAMAS	1.187
PACIENTES TRATADOS	173.757
CIRURGIAS REALIZADAS	11.748
PACIENTES TRATADOS: cuidados pós-operatórios	11.421
PACIENTES TRATADOS: traumas ligados à violência	2.147
PACIENTES TRATADOS: outros traumas	44.717
PACIENTES TRATADOS: psicossocial e saúde mental (total)	81.735
CONSULTAS PSICOLÓGICAS	20.652
EDUCAÇÃO PSICOLÓGICA	61.083
PACIENTES TRATADOS: Partos	3.752
PACIENTES TRATADOS: Violência Sexual	212
ITENS DE AUXÍLIO DISTRIBUÍDOS	35.350
BARRACAS DISTRIBUÍDAS	26.971
NÚMEROS DE LOCAIS RESTAURADOS (para uso médico)	19
NÚMERO DE CLÍNICAS MÓVEIS	3
LITROS DE ÁGUA DISTRIBUÍDOS POR DIA (em metros cúbicos)	723
LATRINAS CONSTRUÍDAS	880
CHUVEIROS INSTALADOS	415



© Érico Hiller

Socorro à Alagoas

MSF leva atendimento psicológico e melhora as condições de água e saneamento da população afetada pelas enchentes

Menos de 10 dias após as enchentes que destruíram cidades inteiras em Alagoas em junho, Médicos Sem Fronteiras (MSF) já organizava uma intervenção no local. O cenário descrito pelos profissionais que participaram da primeira missão exploratória, para conhecer as reais necessidades da população, era impressionante: 34 mortes, 54 pessoas desaparecidas e 25 mil desabrigados. Igrejas, escolas, ginásios e outros equipamentos públicos foram transformados em abrigos, muitos deles em condições precárias de higiene e segurança.

Em uma das escolas, cerca de mil pessoas dividiam seis latrinas. “Nos abrigos coletivos maiores, a situação era caótica. Havia um cheiro de urina forte e muita falta de higiene”, lembra a psicóloga Cristina Sutter, uma das integrantes da missão que diagnosticou a situação local.

Para melhorar os alojamentos provisórios nos dois meses de trabalho de Médicos Sem Fronteiras, foram instalados 61 torneiras, 11 chuveiros e 14 latrinas em abrigos de Branquinha e Murici, cidades onde o atendimento às vítimas estava mais precário. Os desabrigados também ganharam kits de higiene, xampu, toalhas, sabão, escova e pasta de dente, além de absorventes femininos e fraldas. No total, 1.036 kits foram distribuídos.

A rotina das pessoas atingidas foi completamente afetada. Sem casa, sem trabalho – afinal, os lugares onde as pessoas trabalhavam também foram destruídos –, morando provisoriamente com dezenas de outras pessoas e muitas vezes sem os parentes, os desabrigados estavam vulneráveis a epidemias, como leptospirose e dengue, e a complicações mentais. Nas unidades de saúde

local, a equipe de MSF observou um grande número de pessoas com ansiedade, depressão, intenções suicidas, insônia e pesadelos.

“O suporte de saúde mental é essencial no atendimento às vítimas de catástrofes. Pode prevenir o agravamento de problemas psicológicos e mentais, e mesmo impedir que esses problemas se tornem crônicos”, explica Mauro Nunes, chefe de missão de Alagoas. “A saúde mental dessas pessoas é uma forma de garantir que elas possam se reestruturar e recomeçar suas vidas de uma forma saudável e equilibrada do ponto de vista mental e psicológico”, completa. Ao longo de dois meses, os psicólogos de MSF realizaram mais de 500 atendimentos nas cidades de Branquinha e Murici.

“Se você não tivesse aparecido eu teria enlouquecido”, disse uma das

pacientes do psicólogo Gúpi Munhoz, após sete sessões de psicoterapia.

Para a psicóloga Silma Oliveira, trabalhar com as vítimas dessa enchente foi uma das experiências mais marcantes de sua vida. “Presenciei sensações e emoções que os bancos da faculdade insistiam em dizer que só anos de análise poderiam curar, e que para isso seria preciso atendimento isolado, de portas fechadas e sem nenhum envolvimento do suposto terapeuta. Atendi em meio a animais, enquanto as mulheres preparavam alimentos doados para seus filhos e companheiros, no meio do que parecia um grande caos. Mas em quarenta e poucos dias a conclusão é que nesses ambientes a psicologia pode dar certo, sim. Vi claramente pessoas se fortalecendo emocionalmente dia após dia, e em cada atendimento a melhora do paciente escancarada diante dos meus olhos”, conta.

Multiplicação

O encerramento do projeto de MSF em Alagoas no final de agosto não significou o fim do atendimento men-

tal às vítimas da enchente. Para dar continuidade a esse trabalho, mais de 200 profissionais locais foram treinados por Médicos Sem Fronteiras. Entre eles, 60 técnicos da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social e 52 psicólogos voluntários do Conselho Regional de Psicologia.

Para Nunes, essa transferência de conhecimento foi o melhor resultado da missão em Alagoas. “A atuação do Conselho Regional de Psicologia recrutando voluntários para serem treinados é uma prova do reconhecimento e da confiança da comunidade local no nosso trabalho”, avalia. “A sociedade civil queria ajudar, mas não sabia como. Nós mostramos alguns caminhos possíveis. Ficamos muito felizes com isso”, diz.

Ele lembra que MSF atuou muito alinhado às secretarias de saúde local. Esse trabalho não se restringiu apenas a Branquinha e Murici. MSF também atuou em Santana do Mundaú, União dos Palmares, Jacuípe e Quebrangulo, mobilizando a sociedade civil e cobrando das autoridades locais as medidas necessárias.

MSF em Alagoas

15 profissionais na equipe
1.036 kits de higiene
61 torneiras, **11** chuveiros e
14 latrinas instaladas
500 atendimentos psicológicos
200 profissionais treinados para continuar o trabalho
27 latões de lixo

MATURIDADE BRASILEIRA

A missão de Alagoas foi composta majoritariamente por brasileiros. Entre os 15 profissionais enviados para socorrer as vítimas de Alagoas, apenas um era estrangeiro.

“É cada vez maior o número de brasileiros em nossas equipes em todo o mundo, o que facilita respostas rápidas quando ocorrem emergências aqui no Brasil”, diz o diretor executivo de MSF Brasil, Tyler Fainstat.



© Érico Hiller



© Érico Hiller

Psicólogo Gúpi Munhoz acalma criança em um dos abrigos improvisados

Direto do Paquistão



Maria Fernanda Detanico

cirurgiã gaúcha

“ Mesmo que não seja minha primeira missão, a partida para um novo destino é sempre um desafio, principalmente quando é um país tão diferente. E esse foi o meu caso com o Paquistão.

Trabalho em uma missão na região de Khyber Pash-tunkwa, no noroeste do país, onde a população civil vem sendo vítima do confronto entre grupos armados e o exército paquistanês e onde MSF atua há quase três anos. Atualmente, MSF está presente em três diferentes províncias – Malakand, Dir e Swat – e em diferentes áreas (sala de emergência, saúde materno-infantil, bloco cirúrgico e internação). No primeiro momento, me adaptei à cultura Pashtou, com sua hospitalidade e gentileza, suas mulheres cobertas, comidas apimentadas, crianças com olhos pintados de preto...

Até que a estação das chuvas chegou. E com ela a pior enchente dos últimos 80 anos, causando aproximadamente

1.500 mortes e afetando milhões de pessoas, principalmente nas regiões de Khyber Pashtunkwa e Baloquistão (sul do país). Desde o início, MSF realizou missões de reconhecimento nos locais afetados, muitas vezes frustradas pelas condições do tempo e terreno, e, com isso, definiu, em um primeiro momento, onde e como atuar.

Assim começou a primeira fase da resposta a essa catástrofe natural. Até a metade de agosto já foram efetuados a distribuição de 9 mil kits com itens não alimentícios, o atendimento médico a 16 mil pessoas, em 14 clínicas móveis, e a instalação de 52 pontos de água com fornecimento de mais 540 mil litros de água potável por dia. Além disso, houve também a instalação do Centro de Tratamento de Diarreia, em seis diferentes distritos, e a vigilância sobre doenças relacionadas à água, como, por exemplo, a cólera. Ao mesmo tempo, foi mantido o funcionamento de todos os projetos anteriores.

Mas sabe-se que ainda há diversos locais isolados e que as necessidades da população são muitas, sendo prioridade a realização de novas missões de reconhecimento. Como já dito, essa é só a primeira fase do que pretende ser uma grande intervenção. ”



© Ton Koene



© Ton Koene

Galeria de Fotos



1. Malawi

Desde de fevereiro de 2010, o Malawi tem enfrentado a maior epidemia de sarampo dos últimos anos. MSF organizou campanhas de vacinação, que devem atingir 2,5 milhões de crianças. Além disso, as equipes de MSF oferecem cuidados de saúde para as vítimas da epidemia.



2. Quirguistão

Conflitos armados voltaram a atingir o sul do Quirguistão em junho de 2010. Médicos, psicólogos e enfermeiros de MSF lidam com casos diários de violência e atendem pacientes que sofreram agressões pesadas ou tortura. A maior preocupação é com o acesso das vítimas ao atendimento de saúde adequado, muito dificultado devido à presença de pessoas armadas.



3. Chade

O Chade enfrenta uma das suas piores crises nutricionais de todos os tempos e as maiores vítimas têm sido as crianças. As chuvas irregulares, colheitas fracassadas, consequente aumento do preço dos alimentos e acesso precário aos cuidados de saúde colaboraram para aumentar as taxas de desnutrição.



4. Afeganistão

Explosões de bombas atingiram civis no Afeganistão. Profissionais de Médicos Sem Fronteiras trabalharam junto com profissionais locais na província de Helmand para atender os feridos. Em 2011, MSF pretende ampliar seu suporte para outras províncias do Afeganistão.

Destaques

MSF e exposições: mais uma mostra rodará capitais divulgando o trabalho da organização

O sucesso da Exposição Interativa Médicos Sem Fronteira no Mundo foi tanto que mal havia terminado e uma nova exposição já estava pronta para estreiar. Nos 21 meses em que rodou 11 capitais brasileiras, entre outubro de 2008 e julho de 2010, o evento atraiu mais de 185 mil pessoas.

A expectativa com a exposição “Experiências de Vida” é que esse número seja ainda maior. A mostra, que começou a ser exibida em setembro no Rio de Janeiro, no shopping Rio Sul, foca o olhar nos brasileiros que trabalham nas missões de MSF no mundo. As histórias desses profissionais são contadas por meio de imagens e sons e os visitantes têm oportunidade de gravar um recado, em vídeo, para os profissionais de MSF. Depois do Rio, a exposição segue para Brasília. Confira em www.experienciasdevida.org.br



© Wagner Andrade

Malu Mader, a voz de Médicos Sem Fronteiras



© Maíra Coelho

A atriz Malu Mader gravou mais uma campanha de Médicos Sem Fronteiras. Essa é a segunda vez que ela participa de uma campanha de MSF. Malu, que esbanjou bom humor durante toda a gravação, disse que a admiração pela organização é antiga. “Quando ouvimos sobre o trabalho desses profissionais que vão levar saúde para lugares tão distantes e necessitados, ficamos mais otimistas com a vida”, disse a atriz, que não cobrou cachê pela gravação do comercial.

Treinamento para equipes do SAMU

Médicos Sem Fronteiras vai capacitar equipes do Serviço de Atendimento Médico (Samu) para atenderem melhor a população de rua. O convite foi feito pelo Ministério da Saúde e deve alcançar cerca de 30 mil profissionais.

Para David Souza, médico de MSF e responsável pelo treinamento, esse trabalho é extremamente importante, porque “os moradores de rua têm necessidades particulares, pois lidam com a saúde, com a doença e com o tempo de forma diferente”.

A experiência da organização com população de rua no país começou com o Projeto Meio-fio, que durante quatro anos, entre 2000 e 2004, levou cuidados de saúde para moradores de rua do centro do Rio de Janeiro. A

experiência acumulada nesse projeto foi transmitida para profissionais de saúde por meio de oficinas realizadas em Porto Alegre, Aracaju, Manaus e Brasília. Além disso, MSF também faz parte do comitê técnico de elaboração da Política Nacional para População de Rua, anunciada no final do ano passado pelo governo federal.



© Fabrizia Granatieri

Opinião do Doador

Comandante Miguel Dau

Vice-presidente técnico-operacional/COO – Azul Linhas Aéreas Brasileiras

Doador desde 2010

“A Azul tem, entre seus principais valores, a Consideração e o Exemplo, que se consolidam em uma intensa vocação humanitária, manifestada cotidianamente pela empresa e por seus integrantes de várias formas. A partir do reconhecimento de que sustentabilidade é basicamente legar às futuras gerações um mundo melhor do que o recebemos, vimos na oportunidade de apoiar Médicos Sem Fronteiras uma forma real e representativa de fazer algo por toda a humanidade. Identificamo-nos com os seus princí-

pios e com a universalidade de seus propósitos e, por isso, nos sentimos gratificados por fazer parte do grupo de empresas que a acompanha em sua jornada. A Azul entende que entidades como Médicos Sem Fronteiras precisam de apoio para cumprir sua missão e, assim, acreditamos que parcerias como essa são uma questão indelegável de responsabilidade social, além de um genuíno privilégio para todas as pessoas que fazem a nossa empresa”.



Seja um Doador Sem Fronteiras: acesse www.msf.org.br ou ligue para 21 2215-8688. Indique amigos, familiares e empresas para nos apoiar!



Renata Wolff

Servidora pública e escritora, Porto Alegre
Doadora desde 2006

POR QUE VOCÊ DECIDIU SE TORNAR DOADORA DE MSF?
Decidi tornar-me doadora de Médicos Sem Fronteiras em função do respeito que tenho pela instituição e pelo trabalho que ela desenvolve.

O QUE VOCÊ MAIS APRECIA EM MSF?

O que mais aprecio em MSF é a natureza essencialmente humanitária da organização e a sua absoluta independência em relação a orientações políticas ou religiosas, bem como a eficiência, a coragem e a prontidão com que respondem a situações em que populações inteiras se veem urgentemente necessitadas dos elementos mais fundamentais à sobrevivência humana.

QUE SUGESTÃO VOCÊ DARIA À ORGANIZAÇÃO?

Que a organização permaneça inabalável no cumprimento de sua missão e na observância de seus princípios norteadores, de maneira a renovar constantemente a nossa crença e esperança de que, apesar de tudo, a humanidade e a solidariedade prevalecem sempre.



Evaldo Zílio

Engenheiro químico
Rio de Janeiro
Doador desde 2007

POR QUE VOCÊ DECIDIU SE TORNAR DOADOR DE MSF?
Passei a contribuir com MSF porque queria fazer algo pelo bem-estar de outras pessoas que não têm a mesma condição favorável que eu tenho. Como não disponho de tempo para agir diretamente, achei que o mínimo que poderia fazer seria auxiliar financeiramente uma organização confiável. Admiro muito os esforços e ações de MSF e me sinto feliz por poder colaborar um pouco para reduzir o sofrimento das pessoas, por meio de contribuição regular ou esporádica, como, recentemente, no caso das enchentes em Alagoas.

O QUE VOCÊ MAIS APRECIA EM MSF?

A grandeza das ações de seus voluntários e a isenção da organização.

QUE SUGESTÃO VOCÊ DARIA À ORGANIZAÇÃO?

Desejo que MSF continue atuando onde for preciso.

Atualize seus contatos (e-mail e telefone) e nos ajude a reduzir nossos custos e a preservar o planeta! Basta enviá-los para o e-mail doador@msf.org.br ou ligar para 21 2215-8688.

Entrevista

Chegará um tempo em que MSF não será mais necessário ao mundo

O diretor de operações **Stephan Goetghbuer** fala dos principais desafios da organização e sobre o sonho de um mundo onde todos tenham acesso a cuidados médicos.



© Bruno De Cock

Durante anos, o economista Stephan Goetghbuer sonhou em trabalhar com ajuda humanitária. Em 1994, impressionado com as vítimas do genocídio em Ruanda, em que mais de 800 mil pessoas foram assassinadas, Goetghbuer finalmente bateu à porta de Médicos Sem Fronteiras para se candidatar a uma vaga. Foi enviado ao Congo, país que faz fronteira com Ruanda e onde foram montados campos de refugiados. A primeira missão foi seguida de dezenas de outras. Hoje ele é diretor de operações e responde pelos projetos desenvolvidos no Quênia, Libéria, Sudão, Colômbia, Haiti, Iraque e Níger. Em entrevista por telefone, Goetghbuer falou sobre os principais desafios da organização hoje e suas expectativas de futuro.

O QUE FAZ UM DIRETOR DE OPERAÇÕES?

Um diretor de operações tem que definir os objetivos de cada projeto e se certificar de que o que está sendo desenvolvido corresponde aos princípios de MSF.

NA SUA OPINIÃO, QUAL É O PRINCIPAL DESAFIO ENFRENTADO PELA ORGANIZAÇÃO HOJE?

Nos últimos anos, nós não trabalhamos com a mesma liberdade de antigamente. Em parte, isso acontece porque hoje em dia há muitas organizações nesses locais, e muitas são claramente ligadas a governos. Ficou muito difícil para MSF se posicionar como uma organização realmente neutra e independente. E isso certamente afeta nossas operações.

MAS NÃO É BOM TER OUTRAS ORGANIZAÇÕES DISPOSTAS A LEVAR AJUDA HUMANITÁRIA?

Em crises humanitárias, quanto mais ajuda, melhor. O problema é quando há uma confusão sobre quem é quem e quem faz o quê. O caso do Afeganistão é um bom exemplo. Os carros brancos são o símbolo da ajuda humanitária, mas alguns militares americanos começaram a circular no país com carros brancos. Isso causou uma grande confusão. Algumas autoridades locais, quando falavam conosco, ficavam em dúvida se realmente estavam falando com MSF.

QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS NO TRABALHO DE CAMPO QUE O SENHOR TEM OBSERVADO NA ÚLTIMA DÉCADA?

Em certos contextos, as condições médicas das pessoas melhoraram. O que mudou muito é que hoje temos menos conflitos no mundo e o acesso a eles está cada vez mais difícil. Além disso, há menos campos de refugiados, porque os países não querem essas populações em seus territórios. Então, fica mais difícil encontrar essas pessoas e levar atendimento a elas.

COMO O SENHOR VÊ O CRESCIMENTO DA ORGANIZAÇÃO NO MUNDO?

Positivamente. O reconhecimento público de MSF é muito grande e está crescendo ainda mais. É gratificante saber que as pessoas nos apoiam. Mas, no futuro, o que eu realmente desejo é que MSF não seja mais necessário ao mundo. Quando todas as populações do mundo tiverem acesso aos cuidados de saúde, nós não seremos mais necessários.

COMO O SENHOR VÊ O PAPEL DE MSF BRASIL HOJE EM DIA? E NO FUTURO?

Eu espero que daqui a algum tempo MSF se torne menos eurocêntrica. Ter nossos cinco centros de operações muito próximos na Europa é um desequilíbrio. Espero que no futuro tenhamos centros operacionais mais perto dos locais onde desenvolvemos nossos projetos. Isso vai nos dar uma melhor visão das necessidades dos nossos beneficiários.